CONGRESSO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO
ISSN 2763-8588

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOS SISTEMAS APOSTILADOS DE ENSINO NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE FORTALEZA/CEARÁ

Karine Andrade Mourão[1]

Darlize Teixeira de Mello[2]

Eixo temático: : 1- Alfabetização e Políticas Públicas

Resumo: Este artigo objetiva discutir e contextualizar a emergência de sistemas apostilados de ensino na rede pública de ensino de Fortaleza/CE. Utiliza a análise cultural como ferramenta metodológica procedimental, situando-se na perspectiva dos Estudos Culturais em Educação. Dará ênfase à fragilidade pedagógica do material didático, à utilização de abordagens pedagógicas descontextualizadas e excessivamente esquemáticas, a partir da inserção do gênero textual – convite. Considerando, as análises explicitadas do material, vamos percebendo que, devido às políticas curriculares nacionais ou estaduais, respectivamente BNCC (BRASIL, 2017) e DCRC (2019) - Documento Curricular Referencial do Ceará, parece haver uma certa inserção pouco reflexiva, dos gêneros textuais na apostila, a ponto de parecer contemplar a uma questão de "modismo" sobre este assunto, sem um trabalho pedagógico que permita refletir sobre os usos de tal gênero textual na contemporaneidade e em suas novas formas de suporte textual.

Palavras-chave: Sistema apostilado de ensino. Manuais didáticos. Análise cultural. Gênero textual. Estrutura textual.

1. Introdução

No Brasil, nas últimas décadas, desde meados de 2020, a compra de "sistemas apostilados de ensino" tem sido uma prática "comum" das redes municiais de ensino. De acordo com Britto (2011), três circunstâncias estão imbricadas na proliferação dos sistemas apostilados: o fortalecimento da cultura da avaliação na educação, visibilizando os resultados em exames padronizados e os rankings de rendimento dos alunos, o contexto de municipalização do ensino fundamental e o esgotamento da capacidade de crescimento dos

[1] Mestranda em Educação pela ULBRA/Canoas. Professora pedagoga dos anos iniciais na rede municipal de ensino de Fortaleza/Ce. Contato: karinemourao@rede.ulbra.br.
[2] Doutora em Educação pela UFRGS. Professora no PPGEdu e do Curso de Pedagogia da ULBRA/Canoas. Contato: darlize.mello@ulbra.br.

sistemas apostilados no setor privado e ao amplo mercado potencial vislumbrado nas redes públicas. Como é sabido, contudo, há uma problematização em torno da aquisição e do uso dos sistemas apostilados nas redes municipais de ensino, provocando muitas polêmicas, entre as quais citamos o custo do material por aluno, a avaliação pedagógica do material e a fragilidade didático-pedagógica do material.

De acordo com Adrião *et al* (2009), a adesão ao sistema apostilado de ensino nem sempre faz a substituição do livro didático do PNLD (BRASIL, 1985)[3], precisando este custo ser reconsiderado. Para os autores, o contribuinte pagará duas vezes, uma vez que a população brasileira, "já remunera empresas privadas do setor editorial, triadas por avaliação técnica para a produção de livros didáticos que integram os programas federais e cujo acervo está disponível gratuitamente às redes municipais de ensino" (ADRIÃO *et al*., 2009, p.809). Trata-se, assim, de um recurso municipal que poderia ser utilizado para melhoria da qualidade do ensino através, por exemplo, "da oferta de creches e pré-escolas e educação de jovens e adultos; adoção da jornada integral no ensino fundamental; oferta de cursos técnicos e profissionalizantes; incrementos na remuneração dos profissionais da educação; instalação de laboratórios e equipamentos diversos nas escolas" (BRITTO, 2011, p. 15).

Ainda quanto a esse aspecto, se compararmos a formatação dos livros do sistema apostilado, como, por exemplo, o sistema de apostilamento da editora Opet[4] - com o Sefe - Sistema Educacional Família e Escola - utilizado pela rede municipal de ensino de Fortaleza/Ceará, a ser analisado neste estudo, observaremos que, enquanto no material apostilado, um livro do 1º ano do Ensino Fundamental contém seis componentes curriculares em uma única impressão - Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Geografia, História e arte – sendo descartável após o uso (ainda que sejam quatro apostilas bimestrais por ano, com uma média de 160 páginas), para cada aluno o MEC fornece seis livros didáticos, dos componentes curriculares - Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia e arte - (com, em média, mais de 200 páginas, os livros destinados aos componentes curriculares de

[3] O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), criado em 1985, emerge de uma longa trajetória de políticas públicas que se iniciou em 1929, com a criação do Instituto Nacional do Livro. Em meados dos anos 90, o programa começa a fazer parte do recurso de orçamentos do FNDE e sofre alterações substanciais com a universalização do atendimento para os alunos do ensino fundamental regular em escolas públicas, a introdução da avaliação sistemática pedagógica para assegurar a qualidade do material adquirido, a aquisição universal e a distribuição planejada. (BRITTO, 2011).

[4] A Editora Opet foi fundada em 1993 em Curitiba/Paraná. Atualmente a Editora Opet atua com dois selos educacionais: Opet Soluções Educacionais, dirigido às escolas privadas, e Sefe, voltado às escolas públicas. Juntos, os dois selos chegam a 340 mil estudantes e a dezenas de milhares de professores de 17 Estados e do Distrito Federal, que recebem livros, formações pedagógicas, coleções e ferramentas tecnológicas para uma "educação humana, relevante e cidadã". (disponível < https://www.editoraopet.com.br/editora-opet.php> acesso em 19/05/2023)

Língua Portuguesa e de Matemática, por exemplo), fica evidente a considerável diferença entre ambos.

A aquisição e adesão do sistema apostilado nas redes municipais parece estar ainda relacionada à falta de avaliação pedagógica dos materiais didáticos, uma vez que esses materiais nem sempre passam pela avaliação oficial coordenada pelo MEC, como os livros didáticos adquiridos pelo PNLD, observando-se, assim, outra diferença considerável. Além disso, após a avaliação criteriosa do MEC, as obras didáticas do PNLD passam pela avaliação dos professores que compõem as diferentes redes de ensino, a partir de um novo processo avaliativo de análise da obra em parceria com seus pares – outros professores daquela modalidade de ensino – anos iniciais, por exemplo – podendo optar por uma lista tríplice de três obras didáticas que melhor atendam suas expectativas didático-pedagógicas, nem sempre sendo a primeira opção a ser recebida pelos professores.

Considerando esses aspectos, nos materiais do sistema apostilado de ensino estudos de Britto (2011); Adrião *et al* (2009) têm "identificado sérios problemas conceituais e gráficos, além da utilização de abordagens pedagógicas descontextualizadas e excessivamente esquemáticas". (BRITTO, 2011, p. 14).

2. A análise cultural como ferramenta metodológica

Nesta seção, propomo-nos a explicitar o caminho metodológico de análise cultural evidenciando a coleção *Vivências e Caminhos* – do sistema de apostilamento da editora Opet/Sefe (GABARDO, 2016)[5], destinado à classe de 1º ano do Ensino Fundamental como um artefato cultural.

Inicialmente, é importante pontuarmos como a análise cultural é,

> [...] um procedimento político e conjuntural que permite, segundo Moraes (2016) e Wortmann (2007), analisar textos e documentos de diversos tipos como artefatos culturais para descrever e discutir as condições de possibilidade que permitem que determinadas "coisas" sejam enunciadas e entrem no domínio da significação. (SILVEIRA; MEYER; FÉLIX, 2019, p. 426).

Além dessa potente ferramenta analítica político-conjuntural, que é a análise cultural, a tomá-la-emos no processo metodológico analítico como uma ferramenta de análise linguística, "em uma relação intrínseca entre cultura, linguagem e poder, entendendo a

[5] Embora a obra seja datada em 2016, está sendo utilizada em 2023 na rede municipal de ensino de Fortaleza.

linguagem, como um campo produtivo e conflituoso em que se dá a luta pela significação". (SILVEIRA; MEYER; FÉLIX, 2019, p. 426).

Assim, percebemos que a coleção *Vivências e Caminhos* (GABARDO, 2016) como um artefato cultural, como um texto, sendo também o texto uma prática social (GILL, 2002). Destacamos, também, que não estamos entendendo o texto exclusividade da palavra oral e escrita, uma vez que estaremos enfatizando seu caráter circunstancial e contingente e seus efeitos, procurando localizá-lo em meio à trama de sentidos.

Para fazer esse caminho analítico, tomamos a centralidade da linguagem como possibilidade de significação do mundo e da produção das relações que a cultura estabelece entre sujeito, conhecimento e poder e segundo a produção de materiais didáticos, do sistema apostilado de ensino, como tecnologia de poder, por entendermos que elas têm se tornado um instrumento central de organização da produção das identidades docentes e, nesse caso, identidades docentes alfabetizadoras.

Considerando o exposto, destacaremos, a seguir, uma breve contextualização da implementação do sistema apostilado de ensino nas escolas da rede municipal de ensino de Fortaleza/Ceará, localizadas na região nordeste do país, como uma proposta de garantir a alfabetização na idade certa.

Nessa direção, desde 2013, o município aderiu ao sistema de apostilamento da editora Opet - com o Sefe. Para justificar essa articulação política público-privado, o munícipio tem se valido de dados estatísticos que "comprovam" a melhoria dos índices da alfabetização: pós a contratação da parceria (http://www.editoraopet.com.br)

> [...] entre 2012 e 2018, o município saltou 81 posições no ranking cearense de alfabetização. E, entre 2011 e 2019, cresceu 48% no Ideb, que passou de 4,2 para 6,2 na 4ª série/5º ano e de 3,5 para 5,2 na 8ª série/9º ano. Em relação à alfabetização na idade certa, o crescimento também foi significativo: se, em 2012, pouco mais de 50% das crianças conseguiam ler e escrever até os sete anos, em 2019 este percentual saltou para 94,4%, segundo os dados mais recentes do Sistema de Avaliação da Educação Básica, o Saeb. Um dos melhores índices do Brasil.

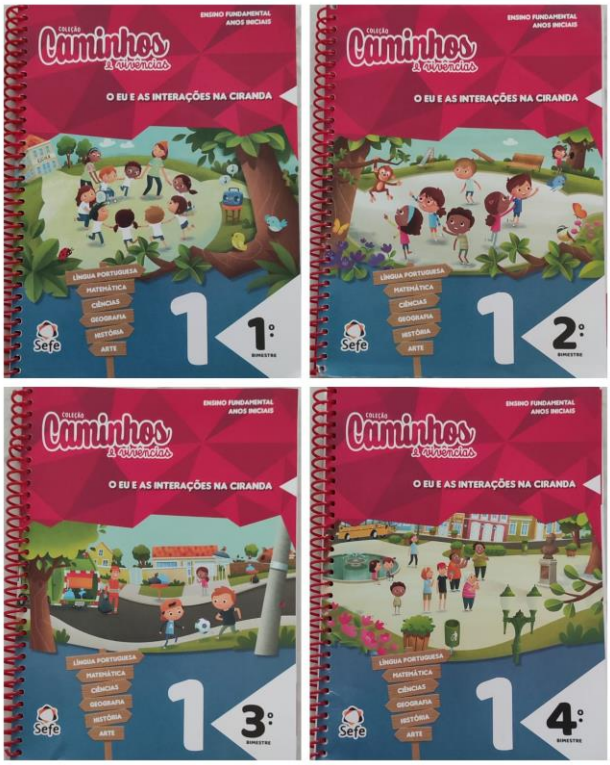
Com um discurso voltado para a garantia da alfabetização na idade certa, através das "evidências" dos dados estatísticos, em que os números não são simples espelhos da realidade, mas circulam num campo de produção e reprodução cultural, moldam maneiras de ver e compreender a realidade (TRAVERSINI; BELLO, 2009). Deste modo, o sistema de apostilas de ensino tem se enraizado no contexto da rede municipal de ensino de Fortaleza.

2.1 A Coleção Caminhos e Vivências

A coleção *Caminhos e vivências* de autoria de Carmen Lúcia Gabardo et al, de 2016 está

organizada em quatro livros didáticos, um para cada bimestre, divididos em seis componentes curriculares: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Geografia, História e Arte e em uma apostila individual para ser estudada anualmente, e tem o componente curricular de Educação Física. Nas turmas do 1º ano, ela passou a ser usada na rede municipal de ensino no ano de 2022, a partir da análise e da avaliação do material, considerando as condições e especificações constantes nos editais nº 09/2021 e nº 10/20 da Secretaria Municipal de Educação, Fortaleza/CE[6].

Figura 1: Capas das apostilas



Fonte: GABARDO (2016).

No livro do professor, o Sefe justifica o nome *caminhos* em decorrência de a educação vive em movimento constante procurando caminhos para ensinar com estratégias diferentes, buscando superar os desafios existentes no cotidiano do processo ensino-aprendizagem(GABARDO, 2016). No entanto, o próprio material não possibilita esse "caminho" uma vez que interfere na autonomia da professora, ficando essa, muitas vezes, refém de um material que deve ser usado em sala de aula[7].

[6] É interessante observar que no site da Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza/CE, não consta a divulgação do material utilizado na seleção das escolhas das apostilas nem a tabulação dos resultados.

[7] Ressalta-se que a quantidade de materiais a serem trabalhos em sala de aula tem uma dimensão grande, pois as escolas recebem também os livros didáticos do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), com mais de 200 páginas. Poderíamos aqui questionar: Será que os

A estrutura geral da coleção *Caminhos e vivências* (GABARDO, 2016) propõe que o cotidiano e as aprendizagens trazidas pelos alunos sejam trabalhados em sala de aula, para um melhor aprendizado. (GABARDO, 2016). Essa estrutura é dividida em Conceitos Articuladores; Áreas/Componentes Curriculares; Temas Articuladores e Temas Bimestrais.

Os conceitos articuladores estão divididos em cinco temáticas: Cultura, Cidadania, Trabalho, Tempo e Espaço. E esses atravessam as diferentes áreas e componentes curriculares da Base Nacional Comum Curricular/BNCC (BRASIL, 2017). Já os temas articuladores são os temas que serão trabalhados nos componentes curriculares de modo "interdisciplinar" e organizados em temas bimestrais, sendo nessa coleção as seguintes temáticas: 1º bimestre: *Minha ciranda*; 2º bimestre: *Um jeito de ser, um jeito de se ver*; 3º bimestre: *Um lugar para viver* e 4º bimestre: *Lugares, pessoas e histórias*. Esses temas bimestrais são vinculados aos conceitos articuladores, apontados anteriormente, cultura e cidadania, relação consigo, família e o outro nos espaços e tempos.

Para este estudo, enfatizarei o componente curricular de Língua Portuguesa, 1º ano do Ensino Fundamental, apostila do 2º bimestre.

3.2 *Caminhos e vivências* - 1º ano do Ensino Fundamental/ Língua Portuguesa – 2º bimestre.

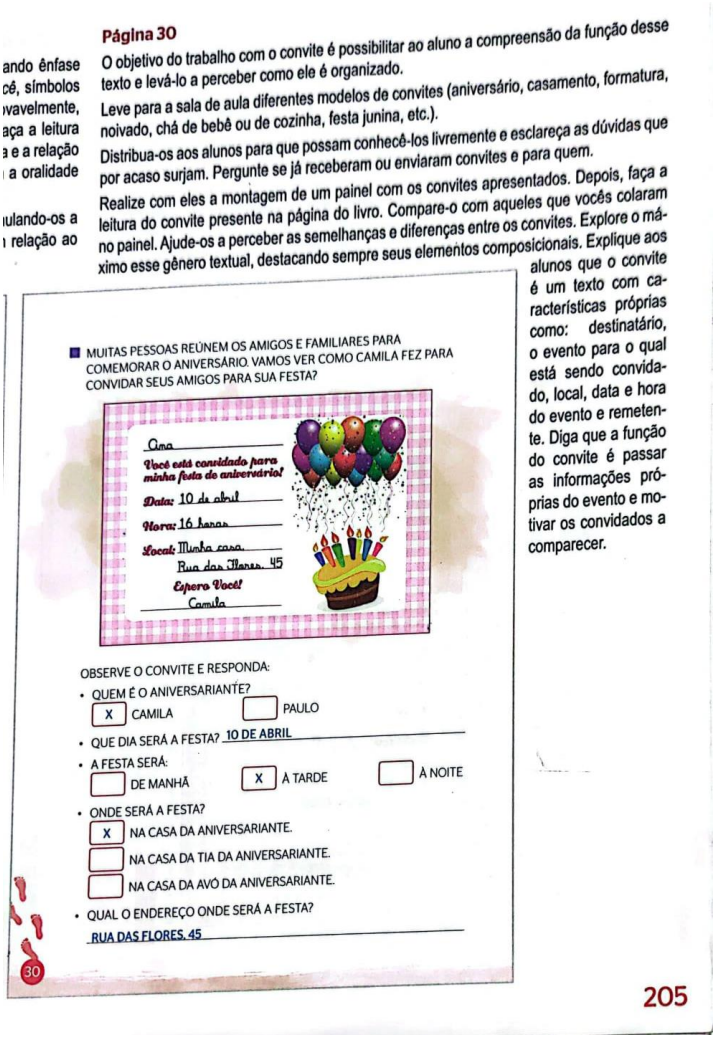
No livro do professor da coleção *Caminhos e vivências* (GABARDO, 2016), o componente curricular de Língua Portuguesa, observa-se uma "preocupação" sobre a formação de leitores. Utilizando-se dos estudos de Soares (2007), diferencia o conceito de alfabetização e letramento, "[...] alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário, o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado". (SOARES, 2007, p. 46 apud GABARDO, 2016, p. 24). Assim, para o desenvolvimento da leitura e da escrita, a autora da apostila procura organizar uma proposta didática em que os alunos possam ler e interpretar os mais diferentes gêneros textuais. (GABARDO, 2016). Estes últimos devem ser entendidos como artefatos culturais e históricos constituídos sob o intuito de atender às demandas sociais de comunicação, contribuindo como produtos discursivos, uma vez que materializam a necessidade de uma interação verbal entre seus interlocutores (o "eu" e o "outro"). (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004).

professores só ensinam com o material apostilado? Como a professora dá conta de trabalhar com dois materiais?

Em um mapeamento da coleção *Caminhos e vivências* (GABARDO, 2016), observamos algumas propostas didáticas envolvendo os gêneros textuais nos diferentes bimestres - *Adivinha, Classificado, Cantiga, Cartão de felicitações, Convite, Histórias em Quadrinho, Letra de Canção, Poema, Quadrinha, Receita, Trava-línguas.* Neste artigo, detemos-emos ao tema articulador: *Um jeito de ser, um jeito de se ver,* do 2º bimestre, livro do 1º ano – Livro do Aluno, unidade – *"Parabéns a você!" ...Essa, muita gente conhece.*

Um exemplo, a ser destacado da unidade - *Parabéns a você!" ...Essa, muita gente conhece* - é o trabalho com um convite de aniversário, na figura 2 - Convite de aniversário (Apostila do Professor - AP) e Figura 3: Convite de aniversário (Apostila do Aluno - AA).

Figura 2: Convite de aniversário (AP)



Página 30

O objetivo do trabalho com o convite é possibilitar ao aluno a compreensão da função desse texto e levá-lo a perceber como ele é organizado.

Leve para a sala de aula diferentes modelos de convites (aniversário, casamento, formatura, noivado, chá de bebê ou de cozinha, festa junina, etc.).

Distribua-os aos alunos para que possam conhecê-los livremente e esclareça as dúvidas que por acaso surjam. Pergunte se já receberam ou enviaram convites e para quem.

Realize com eles a montagem de um painel com os convites apresentados. Depois, faça a leitura do convite presente na página do livro. Compare-o com aqueles que vocês colaram no painel. Ajude-os a perceber as semelhanças e diferenças entre os convites. Explore o máximo esse gênero textual, destacando sempre seus elementos composicionais. Explique aos alunos que o convite é um texto com características próprias como: destinatário, o evento para o qual está sendo convidado, local, data e hora do evento e remetente. Diga que a função do convite é passar as informações próprias do evento e motivar os convidados a comparecer.

MUITAS PESSOAS REÚNEM OS AMIGOS E FAMILIARES PARA COMEMORAR O ANIVERSÁRIO. VAMOS VER COMO CAMILA FEZ PARA CONVIDAR SEUS AMIGOS PARA SUA FESTA?

Oi,
Você está convidado para minha festa de aniversário!
Data: 10 de abril
Hora: 16 horas
Local: Minha casa.
Rua das Flores, 45
Espero Você!
Camila

OBSERVE O CONVITE E RESPONDA:

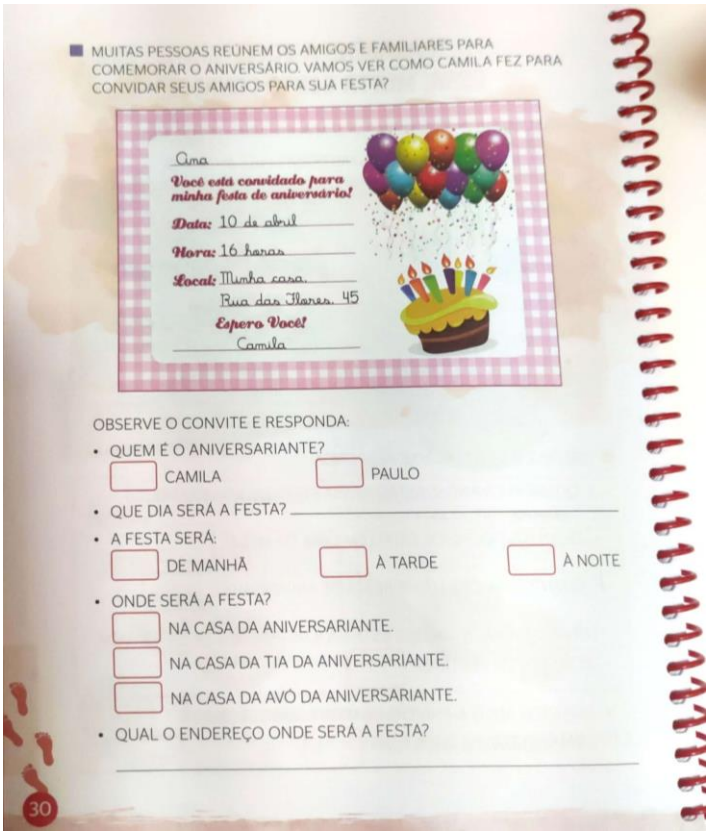
- QUEM É O ANIVERSARIANTE?
  [X] CAMILA [ ] PAULO
- QUE DIA SERÁ A FESTA? 10 DE ABRIL
- A FESTA SERÁ:
  [ ] DE MANHÃ [X] À TARDE [ ] À NOITE
- ONDE SERÁ A FESTA?
  [X] NA CASA DA ANIVERSARIANTE.
  [ ] NA CASA DA TIA DA ANIVERSARIANTE.
  [ ] NA CASA DA AVÓ DA ANIVERSARIANTE.
- QUAL O ENDEREÇO ONDE SERÁ A FESTA?
  RUA DAS FLORES, 45

30

205

Fonte: GABARDO (2016, p. 205).

Figura 3: Convite de aniversário (AA)



Fonte: GABARDO (2016, p.30).

Um aspecto a ser analisado nessa inserção dos gêneros textuais na apostila – coleção *Caminhos e vivências* (GABARDO, 2016) - é o objetivo e a proposta didática realizada nessa unidade para o trabalho com o convite. Observamos que o objetivo da proposta didática, é *" [...] possibilitar ao aluno compreender a função desse texto e como ele é organizado (GABARDO, 2016, p. 205/AP),* apesar de a ênfase do trabalho didático recair no modo como o convite é organizado, como pode ser observado na figura 3 - Convite de aniversário (AA) - *(GABARDO, 2016, p. 30/AA).* O que está disposto é uma representação de um convite, contendo elementos como remetente, data, horário, local e destinatário. A atividade proposta sobre o "convite de aniversário" se destina ao trabalho com a estrutura do gênero textual convite, conforme pode ser evidenciado na apostila do aluno, figura 3: Observe o convite e responda: "*Quem é o aniversariante; Que dia será a festa; A festa será (quando); Onde será a festa e qual o endereço da festa".* (GABARDO, 2016, p. 30/AA).

Outro aspecto que destacaremos é a proposta didática indicada à professora - *"Leve para a sala de aula diferentes modelos de convite (aniversário, casamento, formatura,*

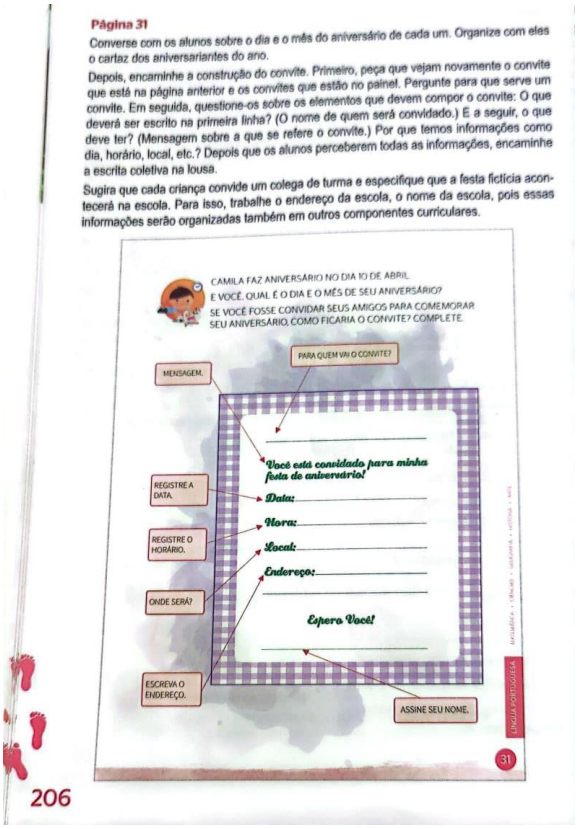
noivado, chá de bebê ou de cozinha, festa junina". *(GABARDO, 2016, p. 205/AP).* Poderíamos aqui questionar quem, atualmente, tem convites em circulação no espaço doméstico? Convite de noivado? De chá de bebê ou de cozinha? Ou mesmo, o convite de aniversário ou de festa junina? Como tem circulado os convites nos espaços sociais? Por que a apostila investe como proposta didática no convite "padrão" de aniversário? Estudos de Alves (2019) enfatizam que tal gênero textual – convite – nem sempre circula, via suporte textual convite padrão, em determinadas comunidades escolares, como as periferias urbanas situadas pela autora. Alves (2019) observa, que "a maioria dos alunos só conhecia convite de aniversário enviado pelo - WhatsApp dos pais, ou convites oralizados entre eles". (ALVES, 2019, p. 53).

Um segundo aspecto a ser levantado é o suporte textual. Na Figura 2: *Convite de aniversário* (GABARDO, 2016, p. 30/AA), pode ser observado que o convite não está organizado no suporte textual de um convite, sendo um elemento importante no trabalho com o gênero textual, se considerarmos que esse é "um instrumento – unidade de conteúdo temático, composição e estilo – [...] adaptado a um destinatário preciso, a um conteúdo preciso, a uma finalidade dada numa determinada situação" (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 24). Ainda sobre essa questão organizacional do suporte, por exemplo, sendo um material de produção editorial, poderia a produção gráfica fazer o investimento em um designer gráfico mais arrojado e mais próximo ao suporte, como se tem encontrado muitas vezes em obras literárias[8]: um designer que permita ao aluno a interação com o convite.

No desdobramento da proposta didática, nas poucas páginas posteriores, sobre a temática *Parabéns a você!" ...Essa, muita gente conhece*, observamos novamente a ênfase na estrutura do gênero textual, como na figura 4 – Proposta de elaboração de convite com estrutura esquemática (GABARDO, 2016b, p. 206/AP) e na figura 5 – Proposta de elaboração de convite com estrutura esquemática. (GABARDO, 2016, p. 31/AA).

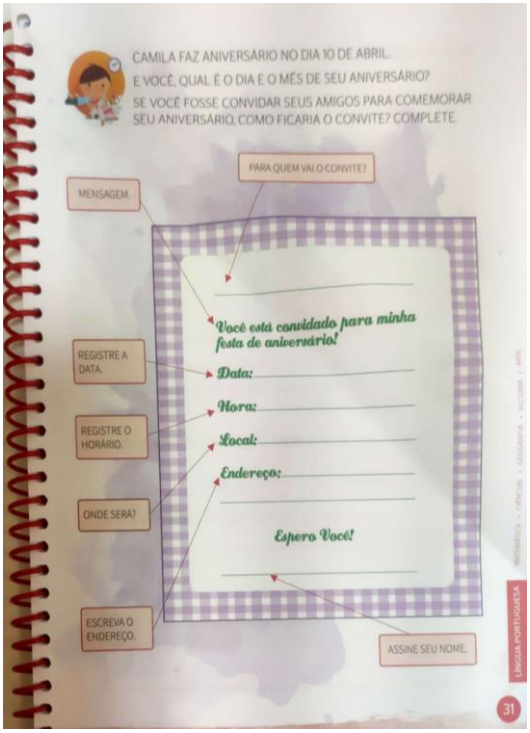
[8] AHLBERG, Janet; AHLBERG, Allan. O carteiro chegou. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Figura 4: Proposta de elaboração de convite – a partir de esquema



Fonte: GABARDO (2016, p. 206/AP).

Figura 4: Proposta de elaboração de convite – a partir de esquema



Fonte: GABARDO (2016, p. 31/AA).

Na figura 4 - Proposta de elaboração de convite – a partir de esquema (GABARDO, 2016, p. 206/AP), apesar de haver uma indicação de que a professora construa um cartaz de aniversariantes, pergunta aos alunos para que serve o convite e os orienta a preencher o convite de forma fictícia convidando um colega da turma, a proposta didática da apostila referindo-se ao preenchimento da estrutura de um convite padrão.

Assim, na figura 5 - Proposta de elaboração de convite – a partir de esquema (GABARDO, 2016b, p. 31/AA), como aparece para o aluno, e geralmente o que a professora acaba aplicando, é a estrutura do convite a ser preenchida.

Estudos de Bunzem (2007) têm enfatizado na relevância da variedade de gêneros textuais autênticos como uma das qualidades produtivas dos livros didáticos do PNLD, favorecendo o uso desse recurso pela professora de modo mais efetivo. Ainda que para o autor, o uso ainda se faça mais pragmático do que teórico, uma vez que o bom acervo de textos de diferentes gêneros tem facilitado o trabalho da professora, que não precisará selecionar esse material em outros suportes.

Considerações Finais

Considerando as análises explicitadas do material, vamos percebendo que, devido às políticas curriculares, nacionais ou estaduais, respectivamente BNCC (BRASIL, 2017) e DCRC (2019) - Documento Curricular Referencial do Ceará, parece haver uma certa inserção

pouco reflexiva dos gêneros textuais na apostila, a ponto de parecer contemplar uma questão de “modismo” sobre este assunto, sem um trabalho pedagógico que permita refletir sobre os usos de tal gênero textual na contemporaneidade e em suas novas formas de suporte textual.

Com isso, não estamos dizendo que o trabalho com os gêneros textuais não deva estar presente em obras didáticas, mas sim, que se tenha o devido cuidado para que a didatização do gênero textual não se volte exclusivamente para atividades didáticas que enfocam a estrutura do gênero textual e menos sua prática interlocutiva.

Referências

ALVES, Rubia Nelí Perdigão. **Estratégias de revisão e reescrita no 2º ano do 1º ciclo em uma perspectiva de produção de texto como processo**. Monografia de especialização. Minas Gerais: UFMG, 2019.

ADRIÃO, Theresa; GARCIA, Teise; BORGUI, Raquel; ARELARO, Lisete. Uma modalidade peculiar de privatização da educação pública: a aquisição de ‘sistemas de ensino’ por municípios paulistas. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 30, n. 108, pp. 799-818, out/2009.

BRITTO, Tatiana Feitosa de. O Livro Didático, o Mercado Editorial e os Sistemas de Ensino Apostilados. **Centro de Estudos da Consultoria do Senado Federal**. Brasília: Senado Federal, 2011.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC/SEB, 2017.

CEARÁ. **Documento curricular referencial do Ceará**: educação infantil e ensino fundamental. Ceará: SEDUC, 2019.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexão sobre uma experiência suíça (francófona). In: Dolz, Joaquim e Schneuwly, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

GILL, Rosalind. Análise do discurso. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. ***Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:*** um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. P. 244-270.

SILVEIRA, Catharina da Cunha; MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann; FÉLIX, Jeane Félix. A generificação da intersetorialidade no Programa Saúde na Escola. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos.** Brasília, v. 100, n. 255, p. 423-442, maio/ago. 2019.

TRAVERSINI, Clarice Salete; BELLO, Samuel Edmundo López. O numerável, o mensurável e o auditável: estatística como tecnologias para governar. **Educação & Realidade.** V.34, n.2, maio/ago 2009. P. 135-153.

Fonte consultada

GABARDO, Camen Lúcia. **Coleção Caminhos e vivências**. 1º ano. 2º Bimestre. Curitiba: Sefe, 2016.